

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 6, Número 2, Jul.-Dez. 2017

## BRINCANDO DE "GANGORRA" NOS LIMITES DIALETAIS BRASILEIROS



## PLAYING "GANGORRA" IN BRAZILIAN DIALECTS LIMITS

Leandro Almeida dos SANTOS  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 27/06/2016 • APROVADO EM 16/01/2018

---

### Abstract

---

This article presents some aspects on delimitation of dialectal areas. Thus this work investigates the responses of informants Linguistic Atlas of Brazil - ALiB to the issue of the 165 - Lexical Semantics of ALiB Questionnaire . The methodology used was marked : a) reading of theoretical texts ; b ) formation of the corpus ; and c ) corpus analysis in order to identify the diatópicas variations , from the comparison with similar studies , namely: Ribeiro ( 2012 ) , Portillo (2013 ) and Santos ( 2016 ) . The analysis sought to identify the items found , in order to verify the choices made by the informants , in order to determine the vitality of dialectal division Springs (1953 ) . It is worth mentioning the contribution of work , cataloging the lexical diversity of the language spoken in the country.

---

### Resumo

---

Neste artigo, são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, para a questão 165 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB. A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos; b) formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhante, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016). As análises buscam identificar os itens encontrados, com o intuito de verificar as escolhas realizadas pelos informantes, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho, catalogar a diversidade lexical da língua falada no país.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Dialectal Areas. Ways Fluminense. Lexicon.

**PALAVRAS-CHAVE:** Áreas Dialetais. Falar Fluminense. Léxico. Texto integral

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que forneceu meios para fundamentar o caminhos teórico-metodológico desta pesquisa. A pesquisa se propõe a analisar e verificar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) para a área do *Falar Fluminense*. Para o empreendimento, optou-se por vários caminhos, além do diatópico que é o prioritário. Desse modo, a sócio-história das localidades constitui-se como um dos caminhos possíveis para compreender a língua falada em uma região brasileira bastante heterogênea, no que tange aos processos de povoamento e muito movimentada, quando observadas às linhas de migrações internas e externas, além disso, quando observada a importância de tal área para as várias fases econômicas e políticas do Brasil.

Este trabalho evidencia os resultados de pesquisa sobre uma pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL), a saber: 165. “Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?” (COMITÊ NACIONAL...2001, p.34), a fim de registrar os aspectos lexicais sob a ótica dialetal, baseado em dados coletados *in loco*.

Objetiva-se oferecer aos dialetólogos brasileiros algumas notícias sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares brasileiros, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação do Falar Fluminense. Inicialmente, as leituras foram feitas com um intuito de obter um panorama sobre pesquisas semelhantes, em seguida, foi realizada uma comparação entre as variantes encontradas nos respectivos estudos, logo após, análises foram empreendidas sobre o *corpus*, a fim de demonstrar como os itens lexicais estão distribuídos nas regiões brasileiras e se são reveladoras de diferenças dialetais. Outro fato que vale

destaque é a observação da sócio-história das localidades, uma vez que a língua falada vai refletir os aspectos culturais e sociais pelos quais passa a comunidade.

Os estudos sobre áreas linguísticas brasileiras, por meio dos dados dispostos no Banco de Dados do Projeto ALiB, têm sido bem frequentes. Destacam-se, neste sentido, alguns estudos como, por exemplo: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016), que serão mais detalhados no item Fundamentos Teóricos.

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O recorte essencial da delimitação temática da proposta deste trabalho é analisar os itens lexicais encontrados para a questão 164, Questionário Semântico-Lexical do ALiB, na perspectiva diatópica, sob a ótica Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana, tenho como foco a área do Falar Fluminense.

É necessário enfatizar que muitos estudiosos perseguiram um traçado que dessa conta das diferentes formas de falar do Brasil. Assim sendo, destaca-se a proposta de divisão dialetal elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, reelaborada em 1953, na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, conforme figura 1:

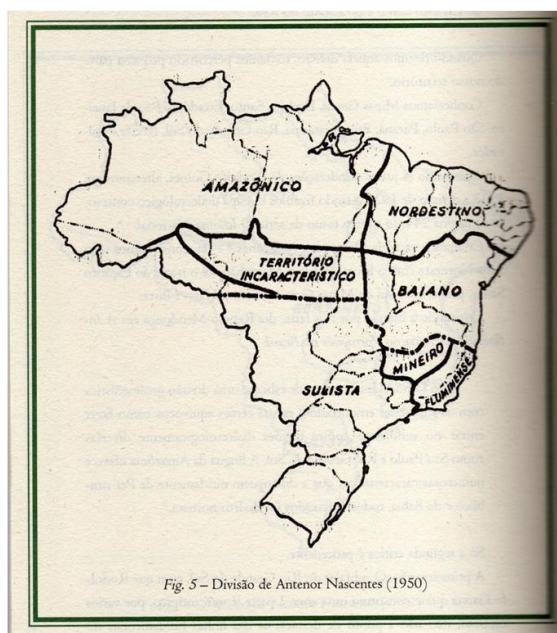


Fig. 5 – Divisão de Antenor Nascentes (1950)

Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território que nomeou de incharacterístico. A divisão de Nascentes (1953) tornou-se referência basilar para inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos interesses, mas, sobretudo, *pela delimitação de áreas dialetais*. (MOTA, 2006, p.321).

Persistindo nos trabalhos que aludem aos limites dos falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutoramento, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do falar Baiano, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões país. Para tal, foram utilizadas as 13 questões do campo semântico *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical, conforme quadro 1.

Quadro 1- Perguntas do campo semântico *jogos e diversões infantis* do QSL – ALiB.

QSL – jogos e diversões infantis	
Nº	Pergunta
155	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? ( <i>Mímica</i> ).
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha ( <i>mímica</i> ), que os meninos usam para matar passarinho? ( <i>Mostrar gravura</i> ).
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	E um brinquedo parecido com o ___ ( <i>cf. item 158</i> ) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
161	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Como se chama esse ponto combinado?
164	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
166	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Danyelle Portilho (2013), *jogos e diversões infantil*, por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o *Falar Amazônico*. Para tal, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle<sup>1</sup>. A autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica.

Romano (2015), com a tese intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*, investigou o *subfalar sulista* proposto por Nascentes (1953), elegeu cinco questões: QSL-001; QSL-039 – QSL-132; QSL-156 e QSL-177<sup>2</sup>, do Questionário Semântico-Lexical do *Projeto ALiB*, pertencentes a campos semânticos distintos, objetivando comprovar a vitalidade da área. Para isso, foram utilizadas, na pesquisa, elocuições de 472 informantes, das 118 localidades do

Brasil, entre capital e interior, situadas em nove estados. Vale dizer que, conforme critérios metodológicos previstos na pesquisa, para não enviesar a pesquisa, não foram utilizados os dados orais dos informantes com nível superior.

A dissertação de Leandro Almeida dos Santos teve a mesma linha de abordagem que Ribeiro (2012) e Portilho (2013), o mesmo campo semântico, *jogos e diversões infantis*, com o objetivo de testar a área denominada como o *Falar Fluminense*. Foram utilizadas, para a pesquisa, elocuições de informantes de 152 informantes, oriundos das 35 localidades, situadas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Bahia. A pesquisa se destaca por ser, até pelo que se tem notícia, a primeira a abordar a abrangência total do subfalar em questão.

A área denominada como *Falar Fluminense* por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Mas, a fim de verificar as áreas limítrofes do entorno do *Falar Fluminense*, buscou-se estabelecer *uma Área de Controle que tem por objetivo testar se a posição e o dimensionamento do traçado refeito na atualidade estão corretos e se a área prevista pelo autor [...] ainda tem validade* (RIBEIRO, 2012, p. 138). Então, desse modo, estabeleceu-se esta área, seguindo o modelo da referida autora, ser o ponto ALiB mais próximo da linha do falar pesquisado. Sendo assim, para a área em análise, foram escolhidas nove localidades, distribuídas em cinco localidades de Minas Gerais; três localidades de São Paulo e uma localidade da Bahia. A área anteriormente descrita pode ser observada por meio da figura 3.



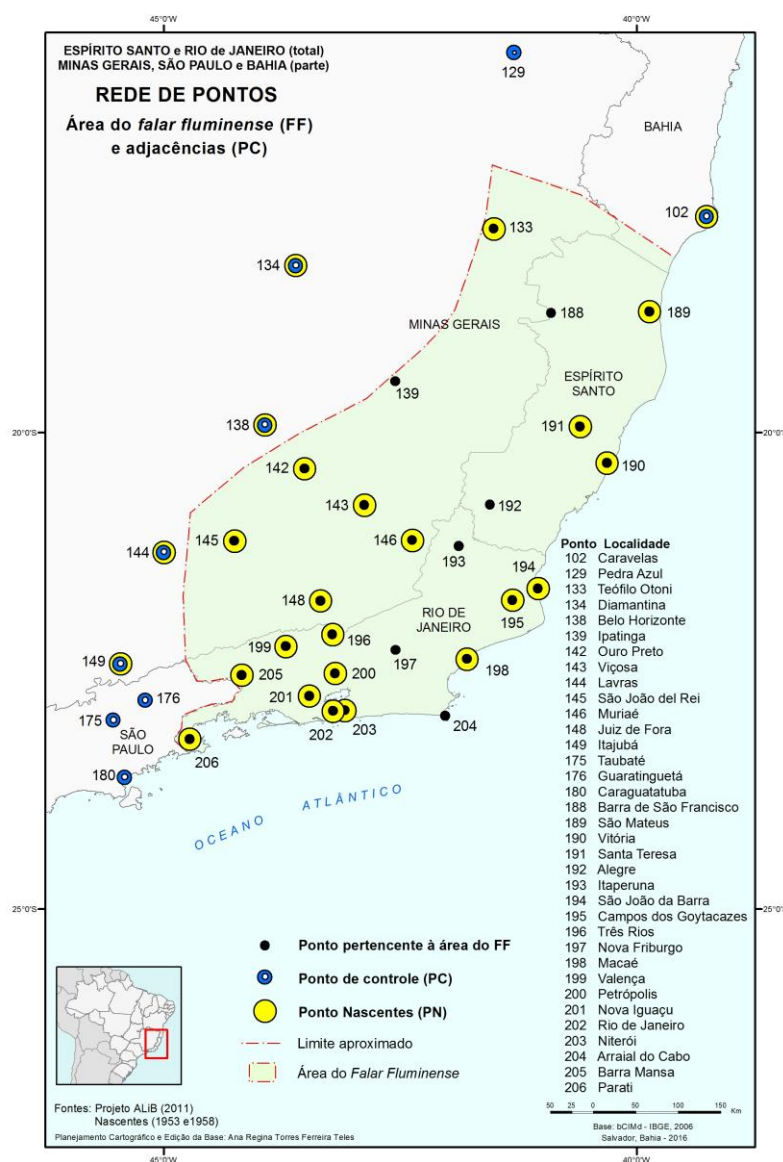


Figura 3 – Carta Rede de Pontos  
Fonte: SANTOS (2016, p. 68)

Torna-se imprescindível destacar a importância dos estudos sobre o campo semântico dos jogos e diversões infantis do QSL – ALiB, pois eles podem fornecer pistas para uma fotografia dialetal do país, podendo confirmar as proposições de Nascentes (1953) na atualidade.

Neste trabalho, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com o objetivo de fornecer subsídios para o (re) conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, utilizando os dados do *Projeto ALiB*, em especial, àqueles que examinaram a questão 165 do QSL, pertencente ao campo semântico jogos e diversões infantis, afim de comparar com os resultados na área em estudo, o Falar Fluminense.

## Dados sociais e histórico das cidades pesquisadas

Apresenta-se um breve panorama histórico dos fatos considerados importantes para o entendimento sobre a formação cultural, identitária e linguística da região em estudo, uma vez que tal região desempenhou um papel de extrema relevância para o desenvolvimento do país.

É de senso-comum, no imaginário popular brasileiro, que os primeiros contatos entre o colonizador português e os povos aborígenes foram amistosos e felizes. No entanto, estudos históricos críticos vêm desmitificando essa ideia de formação nacional romântica e utópica, haja vista as violências – cultural, física e linguística – impostas pelos colonos nas novas terras. Como o choque entre as culturas, a miscigenação ergue-se como um pilar fundamental de uma das faces do Brasil, propiciada, inicialmente, pelos portugueses e os índios, com a inserção dos negros, oriundos da África, posteriormente.

Destaca-se, como outro elemento político-ideológico e influenciador, o papel desempenhado pela Igreja Católica, grande apoiadora das navegações portuguesas e espanholas, com a função de catequizar os povos conquistados, a fim de rendê-los aos caprichos dos colonizadores. Evidenciam-se, aqui, no Brasil, os padres jesuítas da Companhia de Jesus e os sermões do Padre Antônio Vieira.

Inicialmente, a ocupação e colonização do território conquistado se deram no litoral. Fatores políticos e econômicos, conforme atesta a história do Brasil, levaram ao D. João a segmentar as novas terras colonizadas em Capitânicas Hereditárias. Por isso:

Portugal, desejando ocupar e colonizar a nova terra e não tendo recursos para fazê-lo, à custa do erário real, outorgou para isso grandes concessões a nobres e fidalgos, alguns deles ricos proprietários, e outros já experimentados nas expedições às Índias. Concedeu-lhes outrossim, o Rei, vários de seus direitos políticos, indispensáveis ao fortalecimento da autoridade de quem ia correr tão graves riscos. [...] ‘Mas essas vantagens a serem auferidas pelos donatários pressupõem povoações, lavouras, comércio, trabalho organizado e capital acumulado, o que tinha de ser obra do tempo longo e do imediato dinheiro. (SIMONSEN, 1977, p. 81)

Devido a essa divisão, cada donatário tinha por tarefas basilares cuidar, proteger, ocupar e utilizar as terras da melhor forma possível, com um intuito de defendê-las dos ataques e interesses alheios. Tal estratégia da corte portuguesa é, hoje, muito representativa para entender o Brasil, sob o ponto de vista geográfico e linguístico. As terras foram assim divididas em lotes e 14 capitânicas.

Com a crescente crise entre as capitânicas paulistas, São Vicente e Santana, ergue-se um movimento de expansão econômica, geográfica e política – as bandeiras – com a fusão dos portugueses com os indígenas, tentando desbravar o interior do país, até então, desconhecido, em busca de ouro e riquezas. É com o alvorecer das ideias de avançar para o interior e, conseqüente, descoberta do ouro em Minas Gerais, que o país passa para um novo ciclo, deixando o ciclo da cana-de-açúcar pelo ciclo do ouro.

Ao se considerar essas transformações, destaca-se a transferência da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, devido à localização geográfica para escoar as riquezas das minas. É salutar destacar a estrada construída, nesse período, visando transportar ouro e diamantes, a Estrada Real, conforme pode ser



visualizado na figura 6 que segue, com quatro caminhos, a saber: Caminho Velho – foi o primeiro caminho traçado e trilhado pelos portugueses para ligar Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ), também é conhecido como Caminho do Ouro; Caminho Novo – caminho criado com o objetivo de dar mais segurança no transporte das riquezas descobertas e extraídas, no traslado entre os portos de Paraty (RJ) e Rio de Janeiro (RJ); Caminho dos Diamantes – ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Diamantina (MG); e o Caminho de Sabarabuçu – corresponde a ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Sabará (MG), rota que ganhou destaque comercial.

A economia colonial no Brasil, então, pauta-se, depois de anos, no desenvolvimento da economia cafeeira, sobretudo entre o eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre os importantes marcos desse novo ciclo, destacam-se a construção de ferrovias para escoar a produção de café e o vulto dado à grande produção cafeeira em São Paulo. É lícito afirmar que a economia cafeeira colabrou para o processo de urbanização do país, além da incorporação do trabalho assalariado livre – com a chegada de imigrantes oriundos de várias partes da Europa – e da implantação de técnicas mais modernas de cultivo.

Devido a vários fatores internos e externos, esses fluxos migratórios são elucidativos para entender o caráter da fala brasileira, ora heterogênea, ora homogênea dentro de inúmeros Brasis dentro de um país, tais como: crises econômicas, desempregos, pestes, seca e fome, são as principais razões de êxodos em busca de uma terra que ofereça melhores condições de sobrevivência.

Observa-se que, embora as terras tenham sido visitadas com a chegada das navegações portuguesas no século XVI, somente no século XVIII Caravelas ganhou *status* de cidade. Em Minas Gerais, ao observar as datas de fundação, as cidades são, majoritariamente, do século XIX. Mas notam-se também cidades com datas de fundação do século XVIII e XX. No estado de São Paulo, as cidades mencionadas anteriormente são todas fundadas no mesmo século, XVII, ou seja, foram terras povoadas em momentos históricos próximos.

As cidades capixabas são fundadas no século XIX, a exceção da capital, Vitória, fundada no século XVI, e da cidade de Barra de São Francisco, fundada no século XX. Portanto, foram cidades fundadas em momentos históricos distintos. No estado do Rio de Janeiro, como pode ser observado, há cidades fundadas em diferentes períodos da história do Brasil, mas há um predomínio das cidades fundadas no século XIX, embora tenham cidades com data de fundação nos séculos XVI, XVII e XVIII.

## ANÁLISE DOS DADOS

Os dados, para este estudo, foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do ALiB. Em seguida, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a brincadeira em questão, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada área estudada e se tais itens são reveladores de diferenças dialetais.

A partir das análises, pode-se constatar que o total de respostas para essa pergunta foi de 155 ocorrências, sendo que 16 são de NS/NL/NO, totalizando um percentual de 10,3%. Na tabela 13, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos e relativos, bem como os percentuais das formas documentadas.

Tabela 1 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>gangorra</i>	103	74,1%
<i>balanço</i>	24	17,3%
<i>sobe-desce</i>	3	2,2%
<i>balango</i>	2	1,4%
<i>zanga burrinho</i>	2	1,4%
<i>vai e vem</i>	2	1,4%
<i>outras formas</i>	3	2,2%
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>100,0%</b>

A forma lexical que mais ocorre é *gangorra*, pois teve frequência de 74,1% do total de respostas válidas, obtendo um total absoluto de 103 ocorrências, e estando presente em quase todas as localidades. Nota-se que o brinquedo, na região em estudo, é conhecido e nomeado por essa forma, *gangorra*, uma vez que outras formas foram documentadas, mas com menor vitalidade, seguem as frequências obtidas por cada uma delas, tais como: *balanço*, que obteve 17,3%, *sobe-desce*, com 2,2%, as formas seguintes são *balango*, *zanga-burrinho* e *vai e vem*, ambas com 1,4%, e, por fim, *outras formas* com 2,2%. Juntas todas as formas documentadas representam um total absoluto de 139 ocorrências, segundo pode ser visto no gráfico 1.

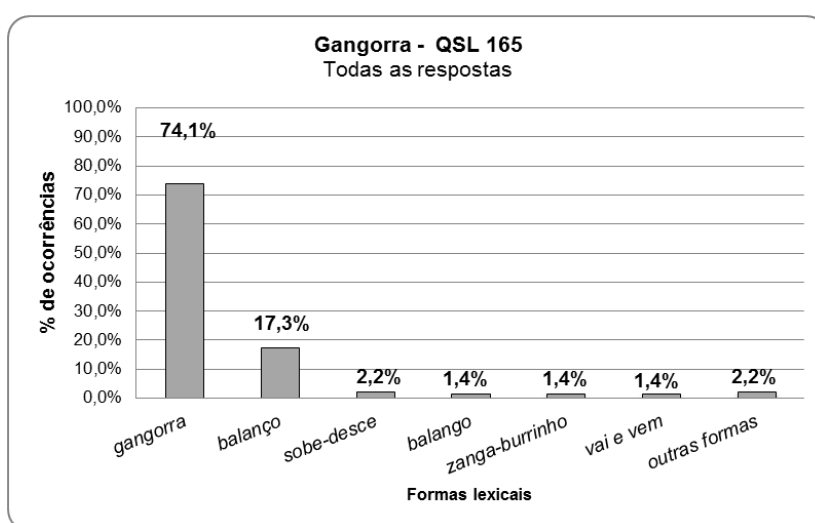


Gráfico 1 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/165 – todas as respostas

No que é atinente à diatopia, segundo a figura 3, a forma *gangorra* ocorre nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, exceto na Bahia.

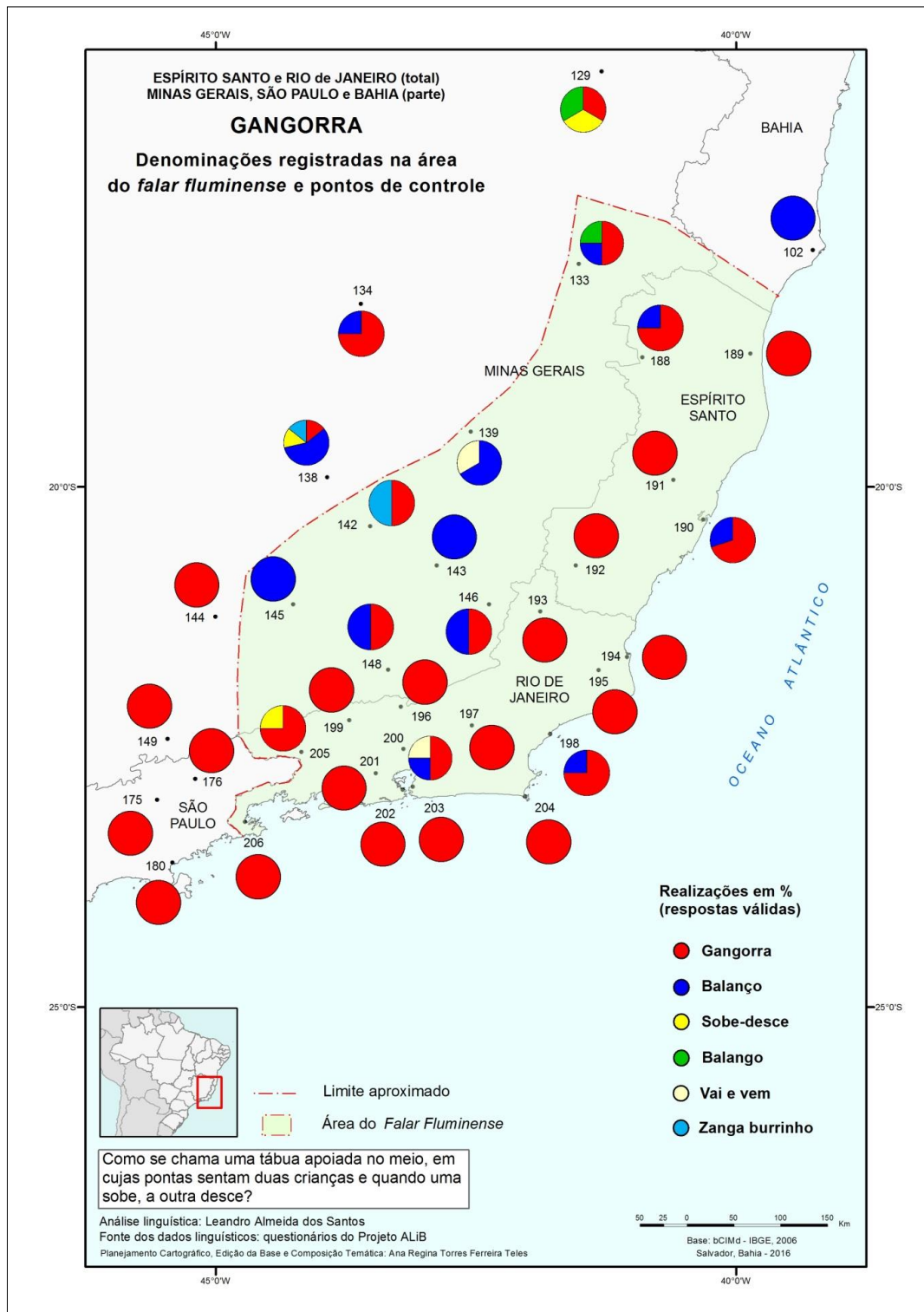


Figura 4 – Carta Gangorra  
Fonte: SANTOS (2016, p.171)

Ribeiro (2012), para a pergunta 165 do QSL, documentou a *gangorra* como a resposta predominante, estando em 50 das 57 localidades pesquisadas. Assim, o total de respostas válidas foi 212 e, por sua vez, as NS/NL/NO chegaram a 50 ocorrências. Além da forma predominante, foram obtidas as respostas, como por exemplo: *balança*, *balanço*, *balanceio*, *balango*, *zanza* e outras agrupadas em *respostas únicas*.

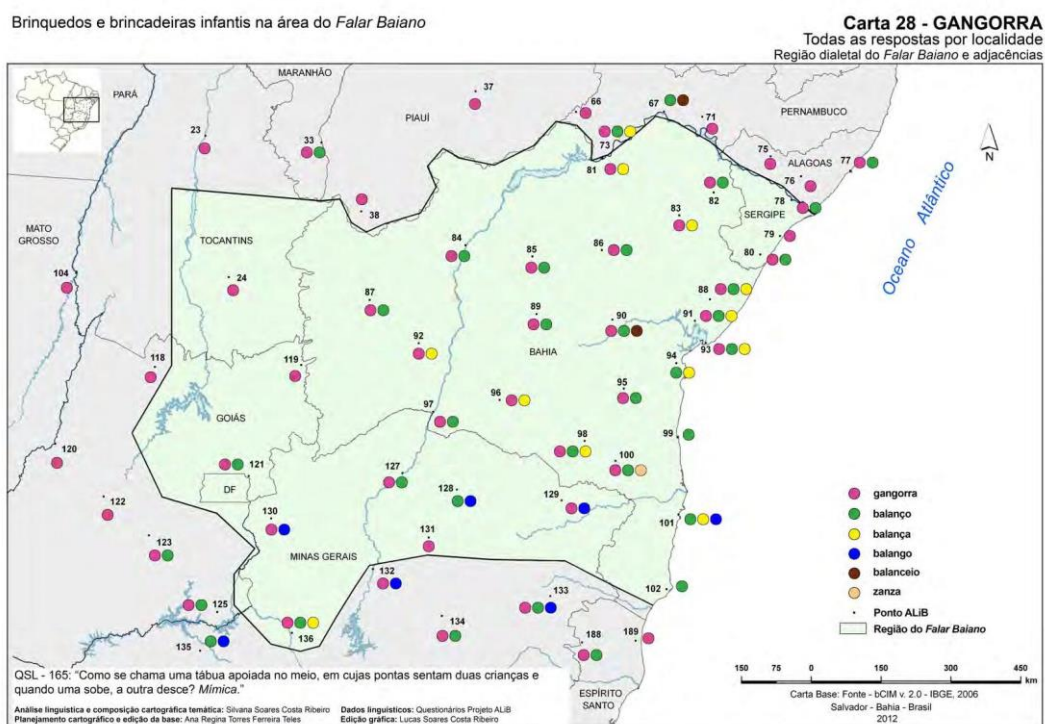


Figura 4 – Carta Gangorra  
Fonte: RIBEIRO (2012, p.526)

Portilho (2013) encontrou as seguintes formas: *balanço*, *balancinho*, *balançador*, *gangorra*, *burrica*, *barquinha*, *João galamarte*, *pula tábua*, *capa-sapo*, *equilibrista*, *cavalo*, *vai-e-vem*, *bate-bunda*, *baixa-e-levanta*, *brincadeira de tábua e elevado*. Com 47,5% das ocorrências, predominou a primeira forma citada.

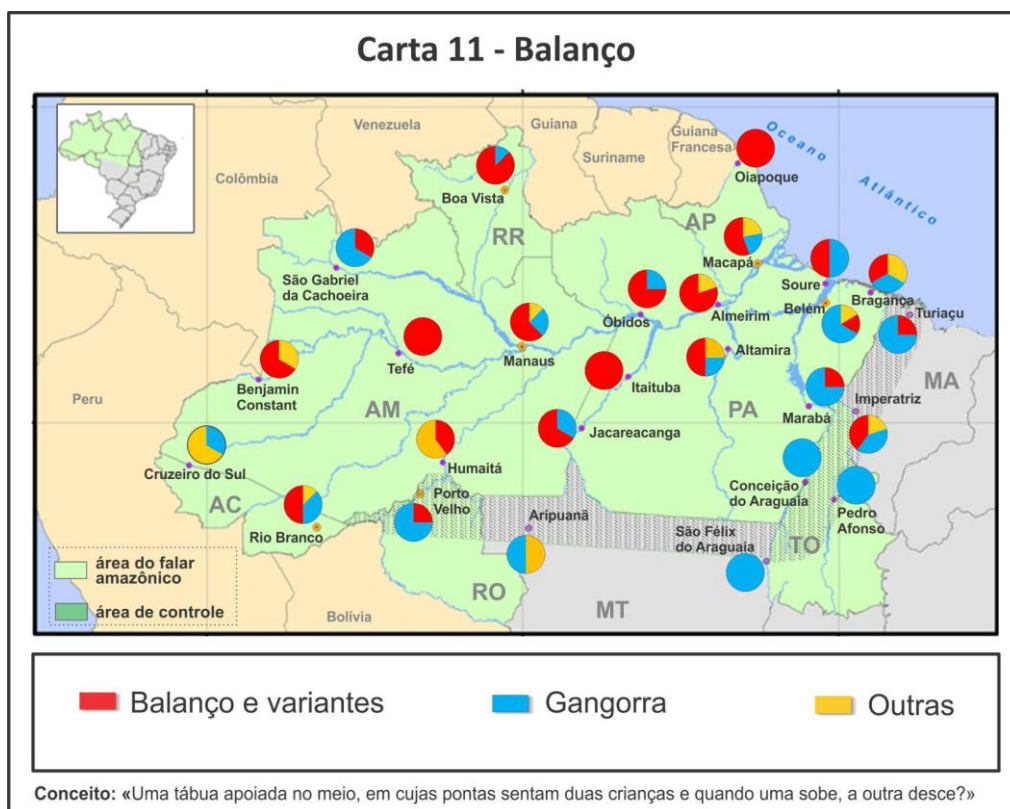


Figura 5: Carta Balanço  
 Fonte: PORTILHO (2013, p. 124)

Ao estabelecer, dessa maneira, uma comparação entre os *três subfalares* e identifica-se, novamente, uma forma predominante, *gangorra*, em dois deles, *baiano* e *fluminense*, ao passo que, *no amazônico*, encontra-se *balanço*, como a forma predominante.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou oferecer notícias s sobre a delimitação de áreas dialetais, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, sobretudo com vistas a testar, se o traçado feito por Nascentes (1953) se confirma na atualidade. Para o empreendimento, foi feito o levantamento dos dados a partir das respostas fornecidas para a pergunta 165 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, objetivando ter um panorama do Falar Fluminense, além do cotejo com estudos semelhantes.

Destaca-se a importância de atentar-se para a socio-história das localidades, pois os fatos culturais vão, de fato, interferir no repertório linguístico dos homens, quando se observa a formação identitária dos povos, a forma de ocupação dos territórios e a cultura local, embora sejam localidades pertencentes à mesma nação.

Através das análises estabelecidas, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas acerca do Falar Fluminense:

- a) *Gangorra* é bem vital tanto no Falar Fluminense quanto nos Pontos de Controle, não podendo assim indicar áreas linguísticas diferentes. *Balango* e



*zanga-burrinho* são formas documentadas em Minas Gerais. *Vai e vem* é exclusividade do Falar Fluminense.

- b) Nota-se que o campo semântico *jogos e diversões infantis* vem sendo bastante utilizado para testar as fronteiras dialetais brasileiras;
- c) *Gangorra* é a forma mais documentada nos Falares *Baiano e Fluminense*, provando assim um espaço linguístico comum. Ao passo que, no *Falar Amazônico*, encontra-se a forma *balanço* para caracterizar as duas perguntas 165 e 166.

Nota-se a importância de trabalhos desta natureza, uma vez que, ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, hoje, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal brasileira, haja vista que, como se sabe, a língua muda e, talvez, as proposições de Nascentes (1953) não sejam comprovadas.

## Notas

<sup>1</sup> Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

<sup>2</sup> As questões utilizadas buscam referentes para: *Córrego, Tangerina, Menino, Bolinha de Gude e Geleia*, respectivamente.

---

## Referências

---

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS** - Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In:\_\_\_\_\_. (org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 47-67.



ROSSI, Nelson. A Dialectologia. In: **Revista ALFA**, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89-128

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil (1500/1820)**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

---

### Para citar este artigo

---

SANTOS, Leandro Almeida dos. Brincando de “gangorra” nos limites dialetais brasileiros . **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 107-121, jul.-dez. 2017.

---

### Os autores

---

**Leandro Almeida dos Santos** é licenciado e bacharel em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal da Bahia (2012-2013), respectivamente. Atuou como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq/UFBA), no projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), entre agosto de 2010 e abril de 2013. É Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, no qual ingressou no ano de 2014, e Doutorando pelo referido Programa de Pós-Graduação. Atuou como professor substituto das disciplinas EDC A62 - Estágio Supervisionado I de Língua Portuguesa e EDC A63 - Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa - (FACED-UFBA). Atualmente, é professor da Faculdade Montessoriano, ministra as disciplinas de Comunicação I, II e III e Metodologia I, e professor na Faculdade Regional da Bahia - UNIRB, ministra a disciplina de Leitura e Produção de Textos. Dedicar-se à diversidade dialetal e sociolinguística do Português Brasileiro, com ênfase nos processos semântico-lexicais e a formação de professores.